



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Juliana Santos de Mendonça

A felicidade na Educação Infantil na visão de Rubem Alves.

Orientador: Prof^o. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

Rio de Janeiro
Agosto/2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

A felicidade na Educação Infantil na visão de Rubem Alves

Juliana Santos de Mendonça

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Profº. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

Rio de Janeiro

Agosto de 2022

MENDONÇA, Juliana Santos de.

A felicidade na Educação Infantil / Juliana Santos de Mendonça; orientador: Reuber Gerbassi Scofano. Rio de Janeiro, 2022.

47 f.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

1. Rubem Alves. 2. Educação Infantil. 3. Professores. 4. Formação. I. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

A felicidade na Educação Infantil na visão de Rubem Alves

Juliana Santos de Mendonça

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Reuber Gerbassi Scofano

XXXXXX

XXXXXX

Rio de Janeiro,
Agosto de 2022.

Dedicatória

A minha mãe Ana, uma mulher lutadora, exemplo de honestidade e perseverança. Me sinto extremamente agradecida por tê-la como minha mãe, uma guerreira, que me apoia incondicionalmente e que na sua simplicidade conseguiu criar cinco filhos com caráter e dignidade. Te Amo!

AGRADECIMENTOS

A Deus que tem me sustentado nos momentos mais difíceis, me dando forças para estar apta as superações que a vida apresenta, mesmo em meio as dúvidas creio que sempre está comigo.

À minha mãe pelo constante apoio, incentivos e conselhos.

A minha família, pois são minha base e me motivam a ser uma pessoa melhor a cada dia. As minhas irmãs Daniele e Fernanda por usarem palavras fortes de incentivo.

As minhas amigas de curso Aurélia Navarro, Bruna Fernandes, Letícia Olímpio, Renata Lopes e Rossane Merat, por tantos momentos de trocas, nervosismo, mas também muitos momentos alegres que ficarão para sempre na memória, em especial a Rossane Merat, agradeço toda atenção e paciência que teve comigo.

As amigas tão chegadas como irmãs Geline e Marianna que sempre estiveram presentes me dando forças para prosseguir e conquistar minhas vitórias. A Ângela pela ajuda na revisão dos textos e críticas quanto à pesquisa.

Ao meu orientador, professor Reuber Gerbassi Scofano, por ter acreditado em mim e se mostrado atencioso em minhas dúvidas. Agradeço pelas sugestões, pelo suporte, pelos comentários, conselhos que me ajudaram a nortear meu Trabalho de Conclusão de Curso com qualidade.

Agradeço a faculdade e aos coordenadores pela oportunidade de fazer este trabalho mesmo em meio a tantos obstáculos que surgiram no meio do caminho e que quase me fizeram parar. Sou grata por ter desfrutado de excelentes profissionais da educação, que fizeram parte dos semestres vivenciados, que passaram seus conhecimentos de forma significativa, proporcionando oportunidades para que eu construísse meus saberes de forma sólida.

RESUMO

MENDONÇA, Juliana Santos de. A felicidade na Educação Infantil na visão de Rubem Alves. Rio de Janeiro, 2022. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

Se não há prazer na função pedagógica, há então uma falha em sua missão. Ao professor cabe a necessidade de ensinar a felicidade e se reconhecer e fazer com que seja reconhecido por seus alunos como um “pastor da alegria”. A pesquisa tem como objetivo entender como é possível inserir a felicidade como uma ferramenta para a aprendizagem dentro da Educação Infantil na concepção das obras de Rubem Alves. A metodologia de pesquisa foi constituída de uma busca documental, de caráter bibliográfico, em meio as bibliografias de Rubem Alves. Como resultados a pesquisa abrangeu o desenvolvimento da criança, por meio do professor que assume a postura de um educador mediador, resgatando através da alegria, afetividade e das brincadeiras, o desenvolvimento infantil, em ambientes de aprendizagem dentro do cotidiano escolar utilizando a felicidade e o lúdico, como proposta de trabalho. Conclui-se na visão de Rubem Alves, que a formação docente na Educação Infantil e a formação continuada contribuem significativamente para o exercício pedagógico, onde os conhecimentos dos aportes teóricos visam influenciar esta prática até os dias atuais e fomentam discussões significativas acerca das temáticas que envolvem o trabalho pedagógico com a Educação Infantil, para fazer com que os alunos reconheçam o educador, promovendo desde cedo o gosto pela vida acadêmica, contribuindo de forma significativa na formação de cidadãos capazes de fazer a diferença em seu meio social. Sendo está a verdadeira função do professor.

Palavras-chave: Rubem Alves. Educação Infantil. Professores. Formação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I: BIOGRAFIA DE RUBEM ALVES: CONHECENDO A HISTÓRIA QUE CONSTITUIU UM GRANDE AUTOR	13
CAPÍTULO II: EDUCAÇÃO INFANTIL E AS ESTÓRIAS DE QUEM GOSTA DE ENSINAR	24
CAPÍTULO III: A ALEGRIA DE ENSINAR: A FELICIDADE INSERIDA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	31
CAPÍTULO IV: IDENTIDADE DOS PROFESSORES E AS CONVERSAS DE QUEM GOSTA DE ENSINAR	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

A Felicidade

Composição: Antônio Carlos Jobim / Luiz Bonfá.

Tristeza não tem fim
Felicidade sim

A felicidade é como a pluma
Que o vento vai levando pelo ar
Voa tão leve
Mas tem a vida breve
Precisa que haja vento sem parar

A felicidade do pobre parece
A grande ilusão do carnaval
A gente trabalha o ano inteiro
Por um momento de sonho
Pra fazer a fantasia
De rei ou de pirata ou jardineira
E tudo se acabar na quarta-feira

Tristeza não tem fim
Felicidade sim
Tristeza não tem fim
Felicidade sim

A felicidade é como a gota
De orvalho numa pétala de flor
Brilha tranquila
Depois de leve oscila
E cai como uma lágrima de amor

A minha felicidade está sonhando
Nos olhos da minha namorada
É como esta noite
Passando, passando
Em busca da madrugada
Falem baixo, por favor
Pra que ela acorde alegre como o dia
Oferecendo beijos de amor

Tristeza não tem fim.

INTRODUÇÃO

“Felicidade é precisamente isso: a coincidência daquilo que se deseja com aquilo que é”.

(Trecho do Livro “Concerto para corpo e alma” - p. 111 - Editora Papirus, Campinas/SP, 2012)

Esta monografia tem o propósito de investigar — a partir do diálogo com os pensamentos de Rubem Alves — o sentido que a formação de professores tem dentro do âmbito da Educação Infantil, observando o quão é importante a felicidade dentre desta etapa da educação.

A proposta de estudo desse trabalho emerge da minha história profissional. Já trabalhei como professora na educação infantil, em uma escola particular, na zona sul do Rio de Janeiro, fui Auxiliar de desenvolvimento infantil e atualmente atuo como auxiliar de apoio escolar e me deparei com a necessidade de fazer com que as crianças tenham momentos prazerosos e de felicidade para uma melhor aprendizagem do conteúdo. Com essas experiências já pude presenciar as mais variadas situações.

Com minhas vivências e relatos de amigas, também da área de educação, venho observando as realidades de atendimento às crianças pequenas, espaços com muitos desafios, apesar desses espaços serem estruturados noto que está desprovido de prazer pelo processo de ensino aprendizagem dentro do universo escolar, professores não se preocupam que as crianças devem ser estimuladas à aprendizagem desde cedo, perdendo o prazer do ato de ensinar, passando a ensinar sem o deleite da alma, como diz Rubem Alves em muitas de suas literaturas.

Tempos difíceis em que os professores sentem uma sobrecarga diante de uma demanda exacerbada, aliada à invisibilidade dos profissionais que não possuem prestígio ou reconhecimento de seu real papel social.

Em um processo de busca da sistematização, muitas vezes há entraves, questionamentos de ações, busca de soluções coerentes com o que se acredita ser o melhor para

as crianças, ou seja, defender e permitir uma educação que lhes dê acesso ao conhecimento e permita sua formação como indivíduos críticos e capazes de exercer sua cidadania, agindo e transformando o meio em que vivem. Sem dúvida é um processo árduo, em que há muita discussão e em que, muitas vezes, torna-se difícil chegar a um consenso. Discutir a identidade do trabalho na educação infantil, é uma tarefa árdua.

Apesar de distinguir essa importância que tem as práticas pedagógicas, levando a sério papel do professor, de levar o aluno ao mundo da felicidade na busca do conhecimento, nem tudo são flores no cotidiano escolar, Rubem Alves propaga a distinção de classes.

“(…) toda escola tem uma classe dominante e uma classe dominada: a primeira, formada por professores e administradores, e que detém o monopólio do saber, e a segunda, formada pelos alunos, que detém o monopólio da ignorância, e que deve submeter o seu comportamento e o seu pensamento aos seus superiores, se desejam passar de ano” (ALVES, 2012, p. 11).

Se não há prazer na função, há então uma falha em sua missão. Ao professor cabe a necessidade de ensinar a felicidade e se reconhecer como um “pastor da alegria”, e fazer com que seus alunos o reconheçam desta forma, promovendo desde cedo o gosto pela vida acadêmica, contribuindo de forma significativa na formação de cidadãos capazes de fazer a diferença em seu meio social. Esta é a verdadeira função do professor.

A pesquisa tem como objetivo entender como é possível inserir a felicidade como uma ferramenta para a aprendizagem dentro da Educação Infantil na concepção das obras de Rubem Alves.

A partir desse contexto, este trabalho apresenta a seguinte questão para o estudo: Que mudanças os professores de Educação Infantil contam sobre suas experiências formativas incluindo a felicidade como ferramenta em suas práticas? Como o trabalho docente é concebido em meio as literaturas de Rubem Alves?

Para se aproximar do objetivo da pesquisa, foi preciso adaptar os caminhos metodológicos diante do contexto da pandemia. Assim, foi construído uma busca documental,

de caráter bibliográfico, em meio as bibliografias de Rubem Alves para configurar o marco deste material, o que foi importante para criar aprofundamentos e entender as principais particularidades desse público, principalmente porque é necessário pensar políticas públicas para esses profissionais da educação infantil e repensar sua formação e o prazer de inserir momentos marcantes de felicidade na formação desde a Educação Infantil.

Segundo Alves (2000) ao professor, caberia ensinar a felicidade e reconhecer-se como um ‘pastor da alegria’, ao qual seus alunos também pudessem assim reconhecê-lo. “(...) quando perguntados sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: “Sou um pastor da alegria(...). Mas, é claro, somente os seus alunos poderão atestar da verdade da sua declaração...” (p. 10)

Entre os aspectos mais expressivos na concepção da educação infantil está o reconhecimento da criança como, sujeito desde o momento de seu nascimento. As crianças necessitam ser tratadas como um ser único, atribuindo identidade própria, respeitando sua realidade, atendendo seus direitos, proporcionando uma atenção adequada, respeitando irrestrito as suas necessidades básicas, também as biológicas, cognitivas, emocionais e sociais.

O lidar com as crianças na idade média, era abalizado em algumas tradições herdadas da Antiguidade. A criança era um ser amadurecido em miniatura, era tratada sem regalias ou direitos, trabalhava para ajudar a família e não tinha direito à educação, sendo seu status nulo. Sua existência no meio social dependia totalmente da vontade do pai, que exercia o poder.

“A primeira forma de atendimento às crianças no Brasil surgiu logo após o seu descobrimento com a chegada dos jesuítas, que tinham como objetivo civilizar os índios através do cristianismo”, porém encontraram bastante resistência com os índios adultos e voltaram seu enfoque para as crianças, que eram afastadas do convívio familiar e passavam a viver na Casa dos Machados, local onde aprendiam os hábitos da cultura europeia e assim eram catequizados (CASTRO, 2014, p.22).

Na expectativa de se buscar fatos reais sobre a importância da Educação Infantil, alguns teóricos foram instituindo suas interpretações de mundo e desta forma emergiram algumas concepções que cooperam expressivamente em determinados campos das ciências para o estudo da infância e para fazer referência e trazer orientações às práticas cotidianas desta etapa

expressiva da educação em meio ao processo de formação e de como adquirir essa aprendizagem.

Sempre que se cogita a falar sobre educação, me vem à mente dois autores que convidam a um voar em um sonho, através de um olhar mais sensível, imaginando outros mundos, tocando flautas mágicas e desembarcando em outros planetas, este é Rubem Alves. O outro autor posiciona a estar focada, direcionada, estando com os pés no chão, buscando construir uma educação de mais qualidade e recriar a utopia por meio da realidade que é a metodologia freiriana.

Em meio a pandemia o estudo sobre a felicidade dentro da Educação Infantil nos leva a entender que a educação é um processo de construção que abrange um todo e não apenas a parte cerebral. Trabalhar os sentimentos, a espiritualidade, a empatia e a necessidade de se relacionar, hoje torna-se mais necessária do que antes.

Tendo como horizonte essa discussão de formação, a monografia apresenta em um primeiro momento um contexto histórico da biografia de Rubem Alves, conhecendo histórias de sua vida que fizeram deste homem um conhecido autor dentro e fora do Brasil. No segundo capítulo serão analisadas as questões relacionadas a um breve conhecimento sobre a Educação Infantil e ressaltados outros dentro do contexto literário de Rubem Alves sobre as histórias de quem gosta de ensinar, se quem predomina é o educador ou o professor. No terceiro capítulo, haverá uma discussão sobre alguns contos do livro “a alegria de ensinar” de Rubem Alves e as formas de se inserir a felicidade no contexto da Educação Infantil. No quarto capítulo a base literária de Rubem Alves é seu livro “Conversas de quem gosta de ensinar”, nele serão apresentados contextos que envolvem a identidade dos professores e seu processo de formação docente. E, por fim, no próximo capítulo algumas considerações serão suscitadas a respeito deste trabalho de pesquisa, seguido das referências que foram utilizadas.

CAPÍTULO I

BIOGRAFIA DE RUBEM ALVES: CONHECENDO A HISTÓRIA QUE CONSTITUIU UM GRANDE AUTOR

“Sempre entendi que o Evangelho é um chamado à liberdade. Não encontro a liberdade na Igreja Presbiteriana do Brasil. É hora, portanto, de buscar a comunhão do Espírito fora dela”.

Rubem Alves

Rubem Azevedo Alves nasceu em Dores da Boa Esperança, uma pequena cidade do sul do estado de Minas Gerais, em 15 de setembro de 1933. Filho de Herodiano Alves do Espírito Santo e de Carmen de Azevedo Alves, caçula dos irmãos Ismael, Murilo e Ivan.

Bem-educado no seio de uma família protestante, muito cedo teve de se confrontar com a sua diferença. De Minas para Campinas, depois para Lavras, onde serviu como pastor numa comunidade presbiteriana, sua trajetória profissional e intelectual teve início com estudo da Teologia. Em Princeton (Estados Unidos) realizou seu doutorado.

Em seu livro “Dogmatismo e tolerância”, Rubem relata “como a vergonha de ser diferente virou orgulho de ser diferente e como, pouco a pouco, foi aprendendo a coragem e o imperativo ético de contrapor a voz da consciência individual à voz das autoridades constituídas”. Suas escolhas e o destino que se respaldou em suas diferenças tende a leva-lo, mais à frente em sua vida após ao Liceu, “a estudar teologia no seminário Presbiteriano do Sul, um dos mais conhecidos Seminários Evangélicos da América Latina”. (ALVES, 2004, p. 33)

Segundo conta Rubem Alves, sua história de vida era humilde, seu pai era rico, porém, no ano de 1930 se viu falido por conta da quebra da Bolsa de Valores em Nova Iorque ocorrida em 1929, ficando pobre. A família teve de se mudar e foram morar em uma região rural em derradeira pobreza, até que, de forma gradual o padrão de vida ficando mais farto, e a família se mudou para região de Lambari, logo após Três Corações e logo depois foram para Varginha,

continuamente dentro do Estado de Minas Gerais. No período das férias escolares, visitavam os avós por parte de mãe, em Lavras/MG, que habitavam por anos em um casarão de Estilo colonial, peculiares de famílias abastadas e tradicionais.

Dos tempos de pobreza só tinha memórias de felicidade, guardou dessa época “causos” com carinho e bom humor. Albert Camus dizia que, para ele, a pobreza (não a miserabilidade) era o ideal de vida. Pobre, foi feliz. Conheceu a infelicidade quando entrou para o Liceu e começou a fazer comparações. A comparação é o início da inveja que faz tudo apodrecer. Aconteceu o mesmo na vida de Rubem Alves, que conheceu o sofrimento quando ele e sua família melhoraram de vida e mudaram para o Rio de Janeiro. Seu pai, com boas intenções, o matriculou em um dos colégios mais famosos do Rio. Foi então, que se descobriu caipira. Seus colegas cariocas não perdoaram seu sotaque mineiro e o fizeram motivo de chacota, conheceu então o *bullying*. Grande era sua solidão, sem amigos. Em 1948, deu início ao curso de piano com a pretensão de ser um grande pianista profissional. Nesta época conheceu a Igreja Protestante onde se sentiu acolhido. Encontrou amparo na religião. Religião é um bom refúgio para os marginalizados¹.

Em 1953, já com 19 anos, mudou-se para Campinas no interior de São Paulo para fazer Bacharelado em Teologia no Seminário Teológico Presbiteriano. Rubem Alves também cursou concomitantemente a CPOR de São Paulo (Centro de Preparo de Oficiais da Reserva) do Ministério da Guerra. Curso que foi concluído em setembro de 1954, e fez com que recebesse uma espada como forma de premiação por ser o 1.º lugar dentro da formação em Artilharia. E também durante esse período de formação, Rubem Alves continuou seus estudos se aprimorando a cada dia no piano, conseguindo desta forma, o diploma com habilitação para ministração de curso ou aulas de piano no Conservatório Carlos Gomes, em Campinas/SP em 15 de dezembro de 1956.

Finalizado o seminário em 1957, tornou-se pastor de uma pequena igreja na comunidade presbiteriana no interior de Minas, onde casou-se com sua namorada há alguns anos, Lídia Noppes em 07 de fevereiro de 1959 e passam a morar em Lavras no interior de

¹ Trecho do site: (www.rubemalves.uol.com.br).

Minas Gerais. Em 10 de dezembro de 1959, nasce seu primeiro filho Sérgio Nopper Alves, e mais para frente viria a ter mais dois filhos, Marcos e Raquel.

Em pouco tempo como pastor, tomou consciência de que a sua ousadia evangélica o levava para terrenos difíceis, sua linha de pensamento teológico não era convencional e o levaria a trilhar caminhos nada fáceis para a época. Rubem Alves pensava que religião não era apenas uma garantia da morada celestial, após a morte, mas, tinha como objetivo tornar esse mundo um lugar melhor para se viver. Porém, suas ideias foram recebidas com receio.

Mais à frente consagrado à Pastor, Rubem Alves doutrinava a disciplina de Filosofia no curso científico do Instituto Gammon, em Lavras/MG. Em 1962 nasce Marcos Nopper Alves, seu segundo filho. Em 1963, Rubem viajou sozinho para Nova York para fazer uma pós-graduação em estudos religiosos avançados no *The Union Theological Seminary*. Que lhe confere o grau de Mestre de Teologia Sacra em maio de 1964, neste período sua esposa e seus filhos ficaram em Campinas, onde moravam seus pais.

No final de sua estadia nos EUA, toma conhecimento do Golpe Militar de 31 de março de 1964, que o surpreende, nas vésperas de conclusão do mestrado. Defendia a tese intitulada: “*A theological interpretation of the meaning of the Revolution in Brazil*”, de volta ao Brasil, regressa a sua paróquia, em Lavras, com sua mulher e filhos. No prefácio que escreveu em 1987 para a tradução brasileira de “*Towards a theology of liberation* (título original, em inglês, da sua tese de doutoramento, editada em 1969 nos Estados Unidos), Rubem Alves descreve as experiências do medo e da covardia que viveu no seu regresso atribulado ao Brasil (ALVES, 2013, p. 15).

Em sua volta ao Brasil, Rubem Alves declara sua convivência com o medo que antes eram apenas fantasias, desde sua descida do avião perpassando por vistoria em seu passaporte e a comparação com uma lista de nomes que poderiam ser exilados. No transcorrer do caminho do aeroporto para sua casa, Rubem foi comunicado pelo amigo que o buscou que, foi enviado ao Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, um documento com acusações difamatórias sobre seis pastores e seu nome estava entre eles. Rubem a partir daquele momento vivenciou coisas que só havia visto em cinema, para não ser preso, teve de se desfazer de seus

livros, queimando-os ou jogando-os em um saco para serem atirados em um rio, sofrendo e passando por um enorme e incoerente pesadelo.

Mais à frente dos momentos inimagináveis vivenciados por Rubem Alves e sua família, a *United Presbyterian Church* – EUA (Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos da América do Norte), em concordata com o Presidente do Seminário Teológico de Princeton, o convidou para realizar um doutoramento em 1965, desta vez foi junto com sua família e moraram em Princeton. Considerando este período um exílio, este teve sua duração até 1968. Doutorado, Rubem Alves volta ao Brasil, aproveita para se demitir da Igreja Presbiteriana e, por um período tem de saborear o desemprego. Em 1969, uma faculdade, localizada no interior (a Faculdade de Filosofia de Rio Claro), acolhe-o, neste período Rubem também renovou seus conhecimentos de piano, obtendo o registro como professor de piano em 1970, pelo Conselho Estadual de Cultura.

Em 1971 é chamado para ensinar como professor visitante no *The Union Theological Seminary* em Nova Iorque – EUA, vivendo ali com sua família por aproximadamente um ano, e, ganha o título de “Cidadão Honorário de Indianápolis”, retornando ao Brasil, logo depois em 1972, onde volta à lecionar na Faculdade de Rio Claro em São Paulo, ali ele permaneceu até 1974, ano em que por fim, deu admissão no Instituto de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e, neste local permaneceu, fazendo parte significativa de sua carreira acadêmica até o chegar do ano em que se aposentaria, lá pelos princípios de 1990 (ALVES, 2020, p. 15).

Em novembro de 1975, especificamente no dia 10, nasce sua filha Raquel Nopper Alves, episódio que marcou intensamente sua vida e fez despontar sua carreira, pois, Raquel nasceu com lábio leporino e fissura palatal, mediante este fato, Rubem Alves decompõe sua escrita, dando um novo direcionamento em seu jeito de escrever. Principia ao desligamento dos contornos acadêmicos de sua escrita mais rebuscada, produzindo um ambiente mais propício àquilo que lhe dizia o coração, tendo como desígnio atingir a alma das pessoas e ao mesmo tempo amparar sua filha.

No dia 08 de abril de 1980, Rubem Alves conquistou a condição de Livre Docente em Filosofia Política pela UNICAMP e no ano de 1982 tornou-se componente da Academia

Campinense de Letras, seguindo com sua carreira como professor universitário nesta faculdade, e assim deu seguimento até o início da década de 1990, período em que se aposentou e assumiu a Diretoria da Assessoria Especial para Assuntos de Ensino (1983-1985) e a Diretoria da Assessoria de Relações Internacionais (1985-1988).

No período percorrido na UNICAMP, Rubem teve o prazer de ser colega de Paulo Freire, um personagem que tem grande prestígio entre os pedagogos do século XX. A entrada de Freire na universidade, em 1980, ficou marcada por uma situação que necessitou de uma tomada de posição de Rubem Alves que se espelha, “de uma forma eticamente irrefragável, toda a sua estatura acadêmica”. Para se cumprir “burocracias obsoletas, a reitoria da Unicamp encarregou o professor titular Rubem Alves de elaborar um parecer sobre Paulo Freire que, de alguma forma, avaliasse a sua admissão na universidade”. Essa missão tornou-se uma forma de requisição burlesca e sem o menor sentido, segundo Rubem, era incoerente tal parecer dada a projeção e prestígio do ilustre pedagogo que ao longo de anos desenvolveu teorias que foram marcas registradas e reconhecidas em meio a educação dentro e fora do Brasil. Aproveitando-se da ocasião, Rubem prepara um “não parecer” em que pondera, de forma irônica, sobre o contrassenso da tarefa que lhe fora encarregada (ALVES, 2020, p. 17).

Segundo Rubem Alves (2013, p. 21), quem dá um parecer empresta os seus olhos e o seu discernimento a um outro que não viu e nem pôde meditar sobre a questão em pauta. Isto é necessário porque os problemas são muitos e os nossos olhos são apenas dois...

Professor da UNICAMP e psicanalista, sua luta e sua alegria, hoje em dia, associaram-se definitivamente à palavra. No ano de 1984 começou a disseminar seus primeiros exemplares literários. Movido pela inspiração por sua filha, começa a escrever histórias para crianças. Como autor de vários artigos e livros publicados tem obras que se destacam: O retorno e terno; A maçã e outros sabores; A festa de Maria; Cenas da vida, entre inúmeros outros sucessos. No fim desta década dá início ao curso de formação em Psicanálise em São Paulo, nesta área teve atuação logo após se aposentar como professor (ALVES, 2020, p. 19).

Rubem Alves já trilhou o caminho dos deuses sendo pastor e teólogo, dos heróis sendo militante político, e há alguns anos percorreu a senda dos poetas e das crianças, escrevendo crônicas, livros infantis, dando palestras, viajando e descobrindo experiências fascinantes.

Semanalmente, publicava suas crônicas no *Jornal Correio Popular* e eventualmente escrevia para a *Folha de São Paulo*. É autor de uma vasta coleção de obras literárias, sendo que sua bibliografia computa mais de 50 títulos lançados em diversos idiomas, de intenso pender autobiográfico. Rubem Alves é considerado um dos mais brilhantes artistas que compreende e expressa em suas obras pérolas da língua portuguesa, cuja plasticidade tem transformado e atingido em seus textos formas, gradações e esclarecimentos de preciosidades que surpreende de forma singular ao seu diversificado público (ALVES, 2015).

Em síntese, foi depois de muitas mudanças, indo do interior do Rio de Janeiro, depois para os Estados Unidos e, finalmente para Campinas, perfazendo atividades variadas como pastor, professor, psicanalista, quando Rubem Alves já estava com mais de 30 anos, ele começou a escrever literatura. Inicialmente, estórias infantis. A seguir crônicas. Ele se dizia um autor de “instantâneos”.

Proporcionava quadros rápidos de beleza impressionista: a luz de um instante, a explosão de um ipê florido, a sensação da água fria da bica... Enfim, estava sempre a nos mostrar a beleza do detalhe, o divertido do cotidiano, o absurdo da sociedade, a possibilidade da magia.

Para Alves (2019, p. 12) o ser humano só pode ser generoso com o que tem para dar. As obras de Rubem Alves nos lembram do essencial. Ele é um dos intelectivos mais ilustres, respeitado e reconhecido do Brasil. Em suas palavras há beleza e ousadia: “uma colher de açúcar, uma mordida na pimenta...”. Com o ar sereno e cativante de um contador de estórias mineiro, Rubem Alves fala em seus livros, sobre o que há de mais atual na educação.

Na fala do autor, há de se encontrar pérolas como: “Eu penso a educação ao contrário. No começo com os saberes. Começo com a criança. Não julgo as crianças em função dos saberes. Julgo os saberes em função das crianças”. É autor de numerosos livros, entre eles: “A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir”; “E aí? Cartas aos adolescentes e a seus pais”; “Alegria de ensinar”; “Conversas com quem gosta de ensinar”; “Estórias de quem gosta de ensinar”.

Em meio a década de 1990, deu total dedicação a rotina de atendimentos como psicanalista e desempenhou o papel de escritor, e neste período desenvolvia atividades como palestrante por todo o Brasil na área de educação.

Seu livro “Por uma educação mais romântica”, escrito em 2012, tem uma história interessante, que foi narrada nesta edição e implementa a ideia do livro que nasceu há cerca de dois anos, e nos anotes de sua publicação disserta que, quando Rubem Alves começou a receber, via internet, mensagens de Portugal. Era um desconhecido chamado Ademar Ferreira dos Santos, educador, diretor do “Centro de Formação Camilo Castelo Branco”, na Vila Nova de Famalicão, vizinhança de Braga. Havia este homem, recebido um livrinho intitulado “*Estórias de quem gosta de ensinar*”. Estórias curtas sobre o cotidiano das escolas, seus absurdos, o sofrimento das crianças e a confiança de que a educação pode ser diferente, se formos inteligentes e sensíveis (ALVES, 2012).

Esse rapaz, o Ademar, percebeu prontamente que o autor daquele livrinho, Rubem Alves, era como se fosse um irmão seu, pois eles pensavam com muita similaridade em vários aspectos, por inúmeras vezes até de forma igual. Foi desta forma, que se deu início, mesmo que à distância, uma grande amizade entre eles. Ademar, surgiu em meio a uma conversa com uma sugestão: pesquisou junto à Rubem, a possibilidade de o mesmo se instalar por uns dias em Portugal. Rubem contestou decididamente que era favorável à ideia.

Neste entrevê, surge uma nova proposta vinda de Ademar, que era um homem de visionário e cheio de projetos fascinantes. Disse então à Rubem, que adoraria proclamar uma coletânea de seus artigos, que já foram expostos em publicações no Brasil, sem ter com isso, objetivos comerciais, mas pedagógicos. A Editora Papyrus, a qual Rubem Alves tinha contrato, foi consultada e não se opôs, então, partiu Rubem Alves para Portugal compreendendo que lá permaneceriam, a sua expectativa de encontrar, uns livrinhos, de edição mais acessível financeiramente, contendo uma seleção que perfaz uma coleção de crônicas (ALVES, 2012).

Mas, para sua surpresa, quando Rubem Alves, fez a leitura dos livretos, se sentiu extasiado ficando espantado, pois os mesmos ficaram primorosos e bem elaborados artisticamente, em todas as crônicas, haviam lindas ilustrações realizadas por jovens adolescentes. E o mais admirável foi saber que a parte financeira dessa realização havia sido

paga pela Câmara Municipal da Vila de Famalicão, que o recebeu em uma sessão especial, muito organizada e acolhedora para autografar os exemplares e palestrar sobre seu trabalho. De forma encantadora, Rubem soube que seu “Prefácio” foi escrito pelo seu presidente, senhor Agostinho Fernandes, que compreendeu e ressaltou em sua escrita, a combinação que continuamente Rubem Alves emprega em seus escritos: “é preciso que o texto seja belo, é preciso que seja controvertido: uma colher de açúcar, uma mordida na pimenta...”. (ALVES, 2012).

O título do livro foi invenção de Ademar: “Por uma educação romântica: Brevíssimos exercícios de imortalidade”. Educar é a forma que Rubem Alves encontrou de se imortalizar. Em suas palavras: “um educador não morre nunca...” (ALVES, 2012, p. 15).

Em seu livro, publicado em 2013, Rubem Alves diz que: “o que permanece, de um texto, não é o que está escrito, mas aquilo que ele faz pensar. Eu jamais pediria que um aluno repetisse o que um autor escreveu, num texto. Jamais pediria que ele “interpretasse” o autor. Pediria, ao contrário, que ele escrevesse os pensamentos que ele pensou, provocado pelo que leu... (ALVES, 2013, p. 18).

Sendo assim, foi traçado um perfil para este grande homem, “professor, poeta e filósofo de todas as horas, cronista do cotidiano, contador de estórias, ensaísta, teólogo, acadêmico, autor de livros para crianças, psicanalista, Rubem Alves é um dos intelectuais mais famosos e respeitados do Brasil. Confessando ter horror ao ventriloquismo, Rubem Alves é uma voz singularíssima que não cabe nas taxonomias habituais dos profissionais da rotulagem: “Tudo que eu escrevo (...) é sempre uma meditação sobre mim mesmo. Estamos condenados ao nosso próprio mundo (A gestação do futuro)” (ALVES, 2013, p. 19).

Em um trecho de sua biografia, Rubem Alves descreve que seu amor e talento pelas poesias e crônicas, surgiram dos golpes duros da vida, que fizeram com que ele, descobrisse na literatura e na poesia conforto e ressignificação. “A ciência oferece saberes à cabeça e dá capacidades e poderes para o corpo. A literatura e poesia dão pão para o corpo e alegria para a alma. Ciência é fogo e panela: coisas indispensáveis na cozinha. Mas, poesia é o frango com quiabo, deleite para quem gosta...” (ALVES, 2015, p. 19).

Rubem Alves se tornou psicanalista, embora suas crenças sejam heterodoxas. Sua heterodoxia está na ocorrência de que acredita que ao mesmo tempo em que no profundo do inconsciente reside a beleza, no consciente ela também pode habitar. Dessa crença também participam e concordam Sócrates, Nietzsche e Fernando Pessoa. Neste contexto, Rubem Alves tem a concepção de que desempenha a sua arte com prazer e autoridade. Em suas conversas em atendimentos aos seus pacientes, que são sua maior fonte de inspiração, é que Rubem retira inspiração e conteúdo para a escrita de suas crônicas, suas vivências e experiências são constantes inspirações em seu trabalho.

Rubem Alves foi morador por várias décadas em Campinas, cidade em que tinha o maior orgulho de ter recebido o título de cidadão honorário, título este, que lhe foi conferido no ano de 1996, onde se tornou um cidadão campineiro, oferecido por meio da Câmara Municipal de Campinas. Rubem Alves sempre foi um apaixonado pela vida, um compulsório usufruidor da vida, não se arrependendo de todos os momentos felizes ou não que vivenciou. O autor resumiu em uma fala que:

“Ainda não escreveu todos os textos e todos os livros que traz no pensamento, ainda não sentiu, amou, brincou e riu o bastante, ainda não respondeu a todas as cartas e mensagens dos amigos, ainda não contou às netas todas as histórias que elas seriam capazes de adivinhar, ainda não provou de todas as ausências e de todas as saudades, ainda não espreitou todos os mistérios do mundo e dele próprio ... (...)” (ALVES, 2000, p. 11).

Rubem Alves guia seus leitores pelas paisagens da beleza e considera seus companheiros de viagem filósofos como Bachelard e Nietzsche, poetas como Fernando Pessoa, Adélia Prado e Cecília Meireles. Está sempre a nos mostrar a beleza do detalhe, o divertido do cotidiano, o absurdo da sociedade, a possibilidade da magia. Segundo Alves (2003, p. 13) em um trecho de sua Crônica “A beleza dos pássaros em voo...” – Livro Na morada das palavras, publicado em 2003:

“Foi longo o itinerário que segui. Minha infância foi uma infância feliz. Vivi anos de pobreza, morando numa casa de pau a pique, fogão de lenha, noites iluminadas pela luz das lamparinas e das estrelas, minha mãe trazendo água

da mina numa lata, meu pai trabalhando com a enxada e o machado. Mas não tenho desses anos nenhuma memória triste. As crianças ficam felizes com pouca coisa. (...) O sagrado aparecia, sem nome, no capim, nos pássaros, nos riachos, na chuva, nas árvores, nas nuvens, nos animais. Isso me dava alegria!”

Em 1995 Rubem se divorciou de Lúcia e começou um novo relacionamento com Thais Couto que durou 14 anos por meio de uma relação estável, já que a igreja não permitia um novo casamento após um divórcio. Nos anos entre 1998 e 2008, Rubem Alves revezava-se em passar dias em um vilarejo de Pocinhos do Rio Verde em Minas Gerais e Campinas em São Paulo, em Pocinhos gostava de aproveitar a natureza em um chalé apaixonante construído no alto de uma colina, onde passava momentos próximos a terra, as plantas e onde as ideias fluíam com mais facilidade.

Rubem Alves foi consagrado como um dos maiores nomes da educação brasileira e neste período intensificou suas produções literárias na área educacional e crônicas de seu cotidiano. Em 2003, chegou a receber do Governador do Estado de São Paulo o Prêmio PNBE “O educador que queremos” e em 2006 rompe seu novo relacionamento e no mesmo ano descobre um câncer no estômago, do qual se cura com cirurgia e tratamentos.

No final do ano de 2009 retoma seu relacionamento com Thais, porém não dura muito tempo e rompem de forma definitiva. Neste ano também, Rubem recebe o 2.º lugar do Prêmio Jabuti a categoria “Contos e Crônicas” com seu livro “Ostra feliz não produz pérola” publicado pela editora Planeta e em novembro deste mesmo ano de 2009 é levado ao hospital e submete-se a uma cirurgia cardíaca.

Por conta dessa cirurgia, em seu processo de recuperação, este se aproxima novamente de Lúcia e em 18 de dezembro de 2010 se casam novamente. Em 2011 logo em seu início, Rubem Alves é diagnosticado com o Mal de Parkinson, doença que traz consigo o enfraquecimento do corpo, que o forçou a uma parada gradativa de suas tarefas e compromissos com palestras e as escritas semanais de crônicas para jornais.

Em 2012, nos Estados Unidos, acontece a publicação de seu livro “Transparência da Eternidade”, que em inglês é “*Transparencies of Eternity*”, que rendeu ao autor um prêmio

intitulado Prêmio Eric Hoffer Awards (Menção Honrosa em Excelência em publicações religiosas). Neste mesmo ano em 15 de setembro, foi fundado o Instituto Rubem Alves, com a iniciativa de preservar e perpetuar o legado de seus acervos e de suas obras, para posterior consultas e utilização para benefício da educação do Brasil.

Em 19 de julho de 2014, morre Rubem Alves devido a falência múltipla dos órgãos e seu corpo foi velado no Plenário da Câmara Municipal de Campinas, no interior de São Paulo, e seu corpo foi cremado em Guarulhos e as cinzas espalhadas pela família sob um ipê amarelo.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO INFANTIL E AS ESTÓRIAS DE QUEM GOSTA DE ENSINAR: EDUCADORES OU PROFESSORES?

“Enquanto a sociedade feliz não chega, que haja pelo menos fragmentos de futuro em que a alegria é servida como sacramento, para que as crianças aprendam que o mundo pode ser diferente. Que a escola, ela mesma, seja um fragmento do futuro...” (Rubem Alves)

Em uma ampla visão da história da Educação Infantil, observa-se que seu surgimento teve a princípio um caráter assistencialista, passando pela época que as mulheres começaram a trabalhar, e nestes locais, confiavam em deixar seus filhos por um período de tempo. Garantida pela Constituição Brasileira, outorgada em 1988, que registra em seu artigo 208, a preconização de ser obrigação do Estado o “atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 5 anos de idade” assegurando, dessa maneira, o seu direito à educação (BRASIL, 1988, p.154).

Em 1994, a Política Nacional de Educação Infantil foi formulada e elaborou as diretrizes pedagógicas e de recursos humanos com o objetivo de “expandir a oferta de vagas para as crianças de zero a seis anos; fortalecer, a concepção de educação infantil, nas instâncias competentes; promover a melhoria da qualidade do atendimento em creches e pré-escola” (ROSENAU, 2013, p.39).

Dois anos posteriormente, foi divulgada no período de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases 9.394, em concordância com a Constituição Federal, que distingue, em seus artigos 29 e 30, a fase da Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica oferecida em forma de creches visando o atendimento de crianças de até três anos de idade e as pré-escolas destinadas para crianças de quatro a cinco anos e onze meses de idade. “Visando o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 2002, p. 28).

A etapa da educação infantil não é obrigatória para a criança, porém, é seu direito e opção de sua família, e sua oferta é uma obrigação direta do poder público, de forma mais precisa entre os municípios de cada Estado.

Bem antes do começo do século XX, outros pontos de vista a respeito de escola vêm sendo constituído por meio de propostas entre educadores de diferentes países. No final do século passado, outra escola foi proporcionada ao Brasil pelas políticas públicas.

Para Rosenau (2013, p. 15) a compreensão de criança como “um adulto em miniatura, como um ser que imita o adulto e a infância, como um período de desenvolvimento biológico, desde o projeto iluminista, principalmente à luz de Rousseau e Pestalozzi”, ainda carece de mais questionamentos envolvidos pela sociedade, chegando ao século XXI, ainda com ideia e a concepção “inacabada sobre a criança”.

As concepções da educação infantil vêm sendo transformadas ao longo do tempo. “A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico” (BRASIL, 1998, p. 21).

No Brasil, a educação infantil é percebida como um todo indissociável, institucionalizada em espaços educativos formais em creches, pré-escolas ou centros de educação infantil. Essa opção impõe condições para a prática pedagógica, para o trabalho com as crianças, para a formação dos professores e para a transição para o ensino fundamental.

Ao discutir o conceito de criança, Bazilio e Kramer (2011) asseguram que, em cada época, distintos aspectos da infância foram enfatizados. O modo como a criança vem a ser tratada deriva, em grande parte, da forma como a infância é definida. Um dos aspectos discutidos pelas autoras refere-se aos processos por meio dos quais a criança adquire conhecimentos. As maiores controvérsias giram em torno dos determinantes desses processos. Dessas controvérsias resultam as várias teorias do desenvolvimento cognitivo.

Outro ponto de vista considera que a criança é afetada pelo meio, no entanto, ela é capaz de determinar, até certo ponto, aqueles aspectos do meio aos quais responderá. A principal diferença entre esta concepção e as duas anteriores é que, neste caso, a criança é vista como

uma parceira ativa em sua própria aprendizagem, e o professor deve respeitar suas características e suas formas de pensar.

Um dos aspectos mais significativos na concepção da educação infantil é reconhecer a criança como, sujeito desde o momento de seu nascimento, as crianças devem ser tratadas como um ser único, atribuindo identidade própria, respeitando sua realidade, seus direitos, a uma atenção adequada, respeitando incondicionalmente suas necessidades básicas, como biológicas, cognitivas, emocionais e sociais.

Na visão Rosenau (2013), a Educação Infantil tem como conceito a infância, e incidiu por múltiplas percepções, sócio histórica de cada grupo, e de cada época. Entre suas funções a autora ressalta algumas teorias ostentadas pela pré-escola, que de acordo com a história é apontada como “um período de colaborações assistencialista, compensatória, a que tende a promover o desenvolvimento global e harmônico da criança, a instrumentaliza-la”. A autora pontua que “a criança como cidadã de pouca idade, é vista como sujeito histórico, capaz de participar do processo de criação cultural”.

A discussão da identidade do trabalho na educação infantil, é uma tarefa árdua. Rubem Alves em seu livro “Conversas com quem gosta de ensinar”, pontua que com o passar dos anos os professores substituíram os educadores, tornando “professor” uma profissão, apenas um cargo, segundo ele, não sendo exercido mais com amor que definia a função de educador, sendo esta uma vocação, que nasce de um grande amor, tornando-se uma esperança. Para Alves (2004, p. 13):

“Eu diria que os educadores são como velhas árvores. Possuem uma fase, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que o aluno é uma “entidade”, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. De educadores para professores foi realizado o salto de pessoa para funções”.

É importante ser levado em consideração a função de ser educador dentro da percepção de ser um professor, ser educador abrange uma responsabilidade bem maior do que apenas ministrar alguma disciplina. Como é possível observar, há muitas fragilidades em meio aos

profissionais da Educação, que são experimentadas há muito tempo, não sendo uma questão recente (ALVES, 2004).

Em meio ao processo da formação da Educação Infantil, surgiram programas apoiados pelo Ministério da Educação e pela antiga Legião Brasileira de Assistência Social – LBA, órgão do Ministério da Previdência e Assistência Social, que permaneceu ativa até 1995. Instituído em 1981, o Programa Nacional de Educação Pré-Escolar, do Ministério da Educação, contou com a atuação decisiva do antigo Movimento Brasileiro de Alfabetização, o MOBRAL, para a implantação de classes pré-escolares em parceria com as prefeituras municipais, nas quais trabalhavam as “monitoras”, professoras ou estagiárias, sem vínculos formais de trabalho.

A partir disso, é possível pensar que o sucateamento na profissão funciona como pano de fundo para toda a discussão, uma vez que há um “círculo vicioso” de baixa remuneração e pouca qualificação. Segundo Rosenau (2013), há o ocasionamento de um problema sistemático de cunho crônico que está presente desde os primeiros anos de desenvolvimento da criança, perpassando por seus processos identitários que fazem parte do processo mediado dentro da Educação Infantil.

Alves (2004) permite em seus parafrazeamentos de uma série de contos com nuances provocativas a reflexões a respeito do processo de aprendizagem e o papel do professor, sobre as estruturas educacionais e os ambientes de convivência com os alunos desde a Educação Infantil, abordando vários aspectos que trazem referências a formação e as práticas do profissional de educação.

A questão da formação dos professores tem grande representatividade para a educação infantil, dentre outros aspectos, sendo esta, uma questão fundamental para o reconhecimento desse segmento como instância educativa e também para sua qualidade. Sendo assim, se percebe que as políticas voltadas para o profissional de educação infantil favorecem e aceleram o descompromisso do poder público com o atendimento da criança neste segmento.

Desta forma, é possível perceber uma política repleta de debilidades promovendo como reflexo, uma rotina de trabalho cansativa por uma remuneração abaixo do esperado, ausência de plano de carreira e de satisfação profissional e estigmatização da profissão com base em um

assistencialismo que descaracteriza a função. Bazilio e Kramer (2011) também analisam o tema, apontando para elementos históricos que ajudam a compreender o lugar de desprestígio dessas profissionais:

Ouso dizer que só uma sociedade que teve escravos poderia imaginar que as tarefas ligadas ao corpo e a atividades básicas para a conservação da vida — alimentação, higiene — seriam feitas por pessoas diferentes daquelas que lidam com a cognição (p. 88).

A comprovação dessa realidade dentro do Brasil é desigual, porém, foi acompanhada, nas últimas décadas, por intermédio de debates e constatações a respeito das diversificadas concepções sobre temas como: criança, infância, educação, atendimento institucional e reordenamento legislativa, que compõem informativos que carecem de determinar a formação de um novo profissional para responder às demandas atuais de educação da criança em fase de educação infantil. Autores clássicos como Bazílio e Kramer (2011), Kramer, Nunes e Carvalho (2016), Rosenau (2013), Alves (2004), Alves (2013) entre outros, no Brasil, debatem sobre a história e a concepção da infância, bem como a relação com as práticas docentes prestadas pelos profissionais da Educação Infantil.

A situação das crianças de zero a seis anos no contexto nacional e a institucionalização da infância mostra na visão de Kramer, Nunes e Carvalho (2016) que a formação de professores é requisito da democratização indispensável para garantir o direito de todas as crianças dentro da educação infantil de qualidade.

Para Alves (2004) o professor é comparado a uma árvore, por ter uma vida, um habitat natural, cidadania, o autor compara o professor em seu texto de forma metafórica como um eucalipto e/ou jequitibá para desta forma exemplificar a diferença entre um professor e um educador. Os eucaliptos seriam os professores que crescem rapidamente, buscando atender as demandas que a sociedade os impõe, mesmo qualificado ou não para o exercício de suas práticas, o mesmo visa o lucro e não a qualidade de sua atividade como docente. Os jequitibás são os educadores, que demoram mais tempo para ficarem maduros e se tornarem frutíferos, diferente do eucalipto que não gera frutos em todo decorrer de sua existência.

Alves (2004, p. 15) vai mais além em sua comparação e menciona que “um professor não pode ser um educador, a menos que dentro dele exista um educador adormecido, essa mudança não se dá como um passe de mágica, é necessário que haja um “exorcismo” para que a mudança ocorra”.

É inquestionável, já que o ato de ensinar realmente requer amor e vocação. Rubem Alves, frisa em seu texto, que o educador pode se tornar professor com o tempo. Porém, é preciso pensar que este educador pode ter se tornado um professor, por questões impostas pelo sistema opressor, sistema que desde o começo transformou a educação em um comércio, deixando brechas para dúvidas e falta de compreensão a respeito de todo o processo educacional em sua totalidade.

Fatores que ocasionam as dificuldades de aprendizagem, como por exemplo, os fatores biológicos, como trabalhar com uma criança que tem fome, que está doente, marcada por fatores hereditários, ou apresenta problemas psicológicos por desestruturação familiar, problemas sociais como a violência em seu lar, em sua comunidade, fatores econômicos, como a falta de emprego dos responsáveis, a responsabilidade de cuidados de menores com menores, problemas de ordem política que desestruturam o profissional da educação infantil que não é adequadamente reconhecido em suas atividades que ainda se confundem ao assistencialismo e tem resquícios sobre a educação. Como esses educadores podem não perder suas identidades? Desta forma, é possível entender os motivos que levaram ao desaparecimento da identidade do educador para professor.

É necessário que o educador/professor entenda bem seu papel e tenha consciência de suas pretensões, para que estes não venham a ser peças manipuláveis neste jogo de xadrez, em meio a um tabuleiro. Ao entender que o educador/professor é o profissional que incita diversas profissões e que tem de ser um eterno pesquisador, incentivando novos pesquisadores, permeando valores que vão além de status intelectuais, sendo agentes que formam a base de grandes pensadores (PEIXOTO, 2018).

Este livro de Rubem Alves aborda questões que se tornam pertinentes a educação, trazendo reflexões a respeito de alguns temas e ideologias que perfazem a escola, à docência e que levam o leitor a observar detalhes que passam despercebidos em meio a rotina de suas

práticas educacionais. Cada conto, promove reflexões sobre as bases teóricas e filosóficas da educação.

Uma outra questão levantada é que a criança é um ser que deve aprender apenas com o intuito de acumular conhecimentos que se tornarão úteis em um âmbito profissional? Ou a criança deve encontrar prazer nos estudos? E, para isso desde a Educação Infantil é necessário preparar profissionais que consigam desempenhar um papel impotente na vida de seus alunos, levando de forma lúdica e prazerosa momentos de felicidade que são capazes de transformar esse pequeno e sua história de vida.

Em um de seus contos Alves (2004) pontua quando conta a estória de Pinóquio, um clássico da literatura, onde um boneco de madeira que tem de ir à escola para virar gente, e se o mesmo não fosse seria seu destino se tornar um ignorante. Rubem pontua neste conto que há escolas que a criança entra de carne e osso e dela sai um boneco de madeira.

Em meio a uma crítica a respeito do engessamento e inflexibilidade das práticas pedagógicas e seus modelos que excluem a humanidade do ser humano, favorecendo um molde de rigor metodológico que também foi criticado por outros autores como Freire (2014), que abordava a educação sem a visão de mundo, engessada ao contexto tradicional de ensino que forma para trabalho e não para a vida.

Rubem Alves sempre enfatiza que o bom humor e a simplicidade são fatores basilares no desempenho satisfatório de um profissional educador, pois quando se encara as surpresas do cotidiano da profissão com amor, felicidade e bom humor, há uma maior disposição para o enfrentamento das dificuldades algo que é possível levar para a vida (ALVES, 2012).

Conceitos como corpo, linguagem e ludicidade podem ser apreciados no próximo capítulo que trata da alegria ao ensinar e a inserção deste contexto dentro da Educação Infantil mediante as práticas pedagógicas docentes.

CAPÍTULO III

A ALEGRIA DE ENSINAR: A FELICIDADE INSERIDA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...
(Rubem Alves)*

As produções literárias de Rubem Alves, despontaram a construção de um pensamento pedagógico que se diferencia dos discursos pontuados no período em que foram escritos. Neste contexto, o autor aponta alguns aspectos sobre a docência e o ensino que vão além da mera exigência da competência técnica dos professores (CARDOSO, 2018).

Desse modo, esse capítulo abrange a forma como a alegria pode ser inserida no contexto da educação, principalmente da educação infantil, que vem a ser a primeira fase da educação, e já possui acoplado ao seu conteúdo um caráter formativo. Podendo assim, observar as representações de ensino e docência presentes nas obras de Rubem Alves.

É importante considerar que as obras literárias deste autor, emitem representações da realidade histórica e social vivenciada por ele, sejam estas de afirmação ou contraposição, e quando alcançam os diferentes leitores, essas reproduções emitidas em meio as suas literaturas, tendem a incorporar o aspecto da realidade desses indivíduos, cada qual com especificidade.

É necessário compreender que a capacidade de aprendizagem de uma criança com a outra não deve ser comparada, uma vez que no cérebro humano existem cerca de 200 bilhões de neurônios que recebem de mil a dez mil sinapses, emitindo axônios que se ramificam e que comunicam uns neurônios com os outros. Sendo assim, esperar que dois cérebros sejam iguais é absolutamente impossível, por isso, é necessário, jamais perca de vista as limitações de cada criança, acreditando que uma aprende igual a outra ou avaliando crianças diferentes com instrumentos comuns (ROSENAU, 2013).

As contribuições construtivas que têm marcado a educação são as dos teóricos psicólogos: Lev Vygotsky (1896-1934), Jean Piaget (1896-1980) e Henry Wallon (1879-1962). Na tentativa de explicar a realidade os teóricos foram criando interpretações de mundo. Por mais complexos que sejam, são pontos de vista, tidos como referencial teórico que explicam as formas de ver o mundo. Suas contribuições influenciaram diversas áreas de saberes e abrangeram os campos da Filosofia, tratando a infância pelas várias concepções filosóficas (ANTUNES, 2014).

É importante salientar que Piaget e Wallon, mesmo tendo pontos de referências distintos, afirmam que o conteúdo das atividades lúdicas varia de acordo com o meio físico e social em que a criança está inserida. Sendo assim, elas são uma reação dada pela criança ao contexto em que ela se vê inclusa.

Piaget considerava que o filósofo e psicólogo Karl Groos havia sido o primeiro a enxergar a importância do lúdico no desenvolvimento do pensamento, da imaginação e da criatividade. Ele acreditava que a ludicidade era um recurso preparatório para a maturidade, ao qual seria alcançada no final do período infantil (ALVES, 2014).

O currículo da Educação Infantil é o conjunto de experiências culturais de cuidado e educação, que deve estar relacionado de forma direta aos saberes e conhecimentos de mundo, intencionalmente selecionados e organizados pelos profissionais de uma Instituição de Educação Infantil, públicas ou privadas, para serem vivenciadas pelas crianças no tocante a sua formação. As atividades e recreação são extremamente importantes para a aprendizagem da criança nesta fase da educação infantil, principalmente no que tange ao aprimoramento das coordenações motoras e psicológicas da criança.

Para Nedrine (2015), a felicidade no ensinar tem sido objeto de discussão de muitos teóricos da educação, e tem demonstrado ter uma grande contribuição na Educação Infantil, várias pesquisas mostram que as relações entre as pessoas do convívio da criança, tanto nos espaços escolares como nos familiares, são determinantes para a sua formação, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de um ser humano, capaz de agir com autonomia, de respeitar seus pares e enfrentar os desafios do dia a dia com mais segurança.

O conflito emocional estimula o desenvolvimento e sem ele o amadurecimento estará comprometido tanto quanto a afetividade e a inteligência. O homem por ser um ser múltiplo e diversificado não tem como evitar os conflitos que surgem a cada dia com as diferenças. O conflito pode surgir também através do preconceito em sala de aula e o professor poderá intervir da melhor forma possível, usando sua autoridade, mas sem exageros, pois poderá piorar a situação.

“Através de brincadeiras as crianças vão desenvolvendo intercâmbios por imitação e por diferentes aproximações comunicativas: contato corporal, voz, olhar, gestos”. Essa evolução a levará à descentração, onde a criança se socializa, escuta, compartilha conhecimentos (ROSENAU, 2013, p. 43).

Dentro da Educação Infantil é importante que se aprenda a ler a maneira e o jeito próprio de ser de cada criança com as quais o professor trabalha, descobrindo suas facilidades e suas dificuldades, observando como lidam com suas palavras ou com as experiências proporcionadas pelas atividades empregadas, procurando desvendar quando se sentem frustradas ou quando se descobrem orgulhosas de si mesmas. Fazendo dessa leitura uma ferramenta para proporcionar um aprendizado diferenciado, buscando sugerir, desafiar, brincar e implementar mediações na aprendizagem (ALVES, 2015).

As obras de Rubem Alves, mostram também, a escola que focaliza apenas o desenvolvimento cognitivo científico, sem se importar com os saberes, para um aprendizado mais significativo voltado para o corpo e a mente, trazendo para este contexto a alegria do convívio social. Em muitas de suas obras o autor sugere por meio de seus contos o entrelaçamento da educação com as dimensões da cognição e afeto, envolvendo o aprendente a forjar por meio de trajetos afetivos sua aprendizagem com marcas positivas (ALVES, 2013).

O verdadeiro sentido de uma educação com amor não deveria ser o acalanto do sonho de apenas desejar felicidade, mas de poder esmiuçar as pequeninas coisas que a estruturam e, serenamente e a cada dia, construir o objetivo de saber busca-la. Felicidade não é estado perene que se alcança para toda a vida ou bem estável que se compra, mas passos miúdos dados a cada dia e em cada coisa que se busca encontrar.

Rubem Alves em seu livro “A alegria de ensinar” ressalta a importância do exercício de ensinar com prazer. Se não houver deleite na missão de ensinar, o docente certamente terá falhado. Segundo Alves (2015, p.10) “se isso não acontecer, vocês terão fracassado na sua missão, como a cozinheira que queria oferecer prazer, mas a comida saiu salgada e queimada...”.

Nesta visão, cabe ao professor ensinar a felicidade e reconhecer-se como um entusiasta da aprendizagem, fazendo com que seus alunos aprendam com alegria, atestando o prazer na aprendizagem mediada com satisfação. Apesar de reconhecer esse papel de entusiasmo nas práticas pedagógicas, de levar o aluno ao mundo da felicidade na busca do conhecimento, observa-se que nem tudo são flores no cotidiano escolar, a realidade da escola está longe de ser a ideal. Alves (2015) denota a importância em considerar o grau de satisfação dos estudantes dentro do processo de ensino aprendizagem.

Segundo Kramer, Nunes e Carvalho (2016) o cuidado dentro da educação infantil amplia as possibilidades da aprendizagem. Cuidar vem a ser acompanhar as crianças, dialogando com seus atos, assegurando o valor de suas iniciativas, sendo mais do que conduzir seus movimentos. Esse caminho de compreender o cuidado como ética implica problematizar as formas tradicionais e dominantes de considerar a criança pequena, ou seja, a perspectiva da fragilidade, da carência, da dependência, da necessidade, buscando também seus modos próprios de iniciar e desenvolver contatos.

Torna-se importante a compreensão de que a autonomia, a autoconfiança e a capacidade de expressão das crianças constroem-se nas relações marcadas pelo cuidado, por uma intencionalidade educativa marcada por uma atencionalidade e na alegria de ensinar, desta forma, as crianças aprendem a ver o outro e a si mesmas de uma forma mais amena, sem preconceitos e sem culpa. É importante levar o aluno a pensar, a desenvolver seu espírito crítico, fazendo-o ser capaz de enxergar novas realidades, à luz da sua busca pelo conhecimento.

A legislação e os estudos no campo da Educação Infantil afirmam os direitos das crianças, a necessidade de respeito as suas especificidades, além da importância da construção

de um espaço comprometido com o cuidado e a educação numa perspectiva ética, que assume as crianças no lugar da potência (PEIXOTO, 2018).

Alves (2015, p. 27/28) elabora uma teoria com base em uma analogia sobre o processo educacional, onde aponta a estória do príncipe que virou sapo e a história da aprendizagem em suas diversidades. “As palavras entram no corpo e vão se transformando, virando uma outra coisa, diferente da que era”. Sendo assim, o aluno deve construir sua própria aprendizagem, sem ingerir de forma acrítica tudo que absorve.

O aluno chega a escola em forma de príncipe, com seus conhecimentos, sonhos e saberes, que prenunciam momentos de fantasias e mágica, porém, o que acontece é que esses conhecimentos inapropriados e tem de reaprender por meio de dores e frustrações, esquecendo muito do que já sabia, deixando aos poucos de ser criança, sonhando e brincando, pois, a escola poda seus sonhos com a missão de tornar uma pessoa melhor. A escola é uma máquina de ensinar de fazer alunos padronizados, cobradas a tirar notas boas e passarem de ano até chegarem a faculdade e depois ao mercado de trabalho.

Segundo Alves (2015) as crianças são tratadas como animais que são destinados ao abate e serão transformadas em novos produtos, neste contexto, as brincadeiras, os momentos felizes, os sonhos são esquecidos, e não são vistos com bons olhos, quem sonha é vislumbrado como uma pessoa fraca. Porém o autor enfatiza que cabe a escola transformar o ensino em algo que possa ser compreendido e transformado em saber. Fazer com que ao invés de receberem príncipes e os transformarem em sapos, as escolas possam criar lagartas, que cheguem em casulos e pelo conhecimento se transformem em borboletas, pois as crianças são seres inacabados que precisam de alguém que os moldem, mostrando o caminho do saber, para que a metamorfose aconteça por meio da ludicidade, da alegria, do prazer, pois, o sonho é a essência da vida e transformação para novas realizações. A Educação Infantil é uma fase de partilhamento de alegrias.

A Educação Infantil conquistou direitos importantes, avançou no âmbito da produção acadêmica, mas ainda experimenta fragilidades no âmbito das políticas e das práticas (PEREIRA, 2018). Mesmo com os avanços que se expressam nas leis e nas pesquisas, ainda é

uma questão para o trabalho cotidiano a indefinição da especificidade da Educação Infantil, bem como a identidade da profissional que nela atua.

Segundo Alves (2000) a educação é um processo de construção da pessoa como um todo e não apenas seu cérebro. Os sentimentos, a espiritualidade, o autoconhecimento, a empatia, a solidariedade, a resiliência e a capacidade de se relacionar de forma inclusiva, tornam o ato de educar por meio da felicidade, um ato de humanidade. O ato de ensinar torna os professores imortais.

A educação deve despertar a paixão e a vocação ainda adormecida dentro da mente e coração dos alunos, infelizmente ela também tem o poder de matar sonhos, quando ao invés de o professor guiar seus alunos em meio a construção de seus saberes, ele resolve impor o que acha ser adequado, levando em consideração os preceitos impostos pela sociedade. Desta forma, o professor viverá eternamente nos pensamentos e lembranças daqueles a quem ensinou. “O mestre nasce da exuberância da felicidade”, diz Alves em uma de suas crônicas, o autor também compara a dor de ensinar à dor do parto, onde a mãe logo se esquece dela ao ver o lindo rosto de seu filho. Educar, portanto, deve ser sempre um ato de alegria, inspiração e uma contaminação momentos prazerosos e felizes.

Alves (2015) pontua de forma enfatizada que o professor não deve se deixar levar ou mesmo contaminar pela burocracia, pela falta de reconhecimento do estado ou mesmo da sociedade e por outras várias dificuldades que sobrevenham em meio as suas práticas pedagógicas. Que estes não venham a envenenar suas aulas com o que há de ruim, e que os muros da escola tenham poder de podar a sede de conhecimento dos alunos e a vontade de ensinar dos professores, que escolheram essa profissão porque foram inspirados por outros profissionais que conseguiram ultrapassar as barreiras das dificuldades e fizeram uma mediação do conhecimento com alegria.

Uma vez que o professor está repleto de conteúdo, em forma de conhecimentos, este tem alegria em compartilhar o verdadeiro prazer de ensinar, se esvaziando ao transferir seu conhecimento a seus alunos, este, procura se encher novamente, em um processo contínuo de enchimento e esvaziamento eliminando as tristezas e ver a desmotivação nas suas aulas, neste contexto está a verdadeira essência de se ensinar a alegria.

Segundo Alves (2015) o papel do professor é fazer com que seus alunos brinquem com o conhecimento, fazendo com que o pesado flutue, exposto no conto do capítulo 11, intitulado “Tudo que é pesado flutua no ar”. Este conto mostra o avô que repara sua neta brincando com as palavras que aprende, transformando o conhecimento em brincadeira, experimentando a felicidade de fazer o pesado flutuar, ou seja, permitindo que a aprendizagem por meio da alegria, da ludicidade, seja mais leve e mais feliz para ser compreendida.

São inúmeras as histórias contadas por Alves (2015) que abordam a uma crítica a forma atual de ensino, na postura da escola e do professor que muitas vezes é engessada, o autor se mostra preocupado com a forma com que o profissional molda sua identidade. É possível tornar o conhecimento algo que promova nos alunos a capacidade de criar, sonhar, concretizar e evoluir, de forma mais prazerosa, inserindo momentos de felicidade em meio a situações tão catastróficas vivenciadas por alguns alunos.

CAPÍTULO IV

IDENTIDADE DOS PROFESSORES E AS CONVERSAS COM QUEM GOSTA DE ENSINAR

“Educar não é ensinar respostas, educar é ensinar a pensar”

“A vida tem sua própria sabedoria. Quem tenta ajudar uma borboleta a sair do casulo a mata. Quem tenta ajudar o broto a sair da semente o destrói. Há certas coisas que têm que acontecer de dentro para fora (Rubem Alves).

Kramer, Nunes e Cardoso (2016) apontam que a partir de 1990 uma colisão de ideias se evidenciou, após a concretização das legislações para a Educação Infantil que rompeu as perspectivas de educação assistencial e educação escolar, presente nas creches, visto que, alguns pesquisadores defendiam as ideias firmadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e de outro os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI), instituído pelo MEC, caminhando para uma proposta mais balizadora que atendesse o trabalho com crianças de zero a cinco anos a ser realizado pela faixa etária de zero a três anos ou três a cinco anos, abrangendo o tempo de atendimento na instituição de forma parcial ou integral.

Em meio a disputas e organizações e reorganizações na Constituição de 1988 e o balizamento da Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Nacional (LDBEN) n. ° 9.394 de 1996, para a organização da EI, novos contornos foram traçados e definiu-se a EI como primeira etapa da Educação Básica com atendimento a crianças de zero a três anos em creches e de quatro e cinco anos em pré-escolas, sendo um processo contínuo de educação. Porém muitos municípios não conseguem ampliar esses acessos, e mesmo com auxílio do Fundeb e a arrecadação do município, há grandes dificuldades na maioria dos municípios brasileiros para consolidar esta etapa da educação brasileira, necessitando da cooperação da União, Estado e Município (ROSENAU, 2013).

Diante da cobrança dos órgãos de controle social, da necessidade de ampliação de atendimento às crianças e da regularização da situação dos profissionais dessas unidades,

Em meio aos debates educacionais que emergiram com euforia a partir da década de 1980, e, manifestaram em seus contextos um emaranhado de perspectivas sobre os professores e sua formação técnica e suas práticas acadêmicas, apontando outras dimensões da docência que transpassam para além da competência acadêmica desse profissional para o ensino.

Neste contexto, Rubem Alves que teve destaque como educador, pesquisador e sendo autor de diversas literaturas, que trouxeram seus pensamentos reflexivos sobre a escola, a educação e as práticas pedagógicas em um contexto de impactar a transformação do aluno para toda sua vida, seja pessoal ou acadêmica.

Tornou-se Rubem Alves um dos críticos a respeito do sistema educacional brasileiro, iniciando por volta de 1980 o nascimento e fortalecimento de discursos que embasaram o “argumento de incompetência dos professores”, sob uma visão crítica e literária, o autor do século apontava uma necessidade de mudanças da escola, permeando um contexto mais significativo para a aprendizagem (ALVES, 2013).

Mesmo a mais de 20 anos de sua obra “Conversas com quem gosta de ensinar”, o texto traz filosofias que não deveriam ser esquecidas, deveriam ainda hoje ser vivenciadas, pensadas, refletidas, pois são propostas atuais e naturalmente deveria servir de um exercício natural e praticamente automático, mas com o nível de superficialidade com que todos tem convivido e do qual os professores participam ativamente, ele permeia assuntos profundos e absolutamente filosóficos em meio aos acontecimentos atuais.

Rubem Alves promove em seu livro, de forma simples e singela, uma discussão extremamente profunda e atual sobre o significado dos rumos pedagógicos e educacionais, provocando uma reflexão mais essencial do que nunca, sobre o caminho da ciência e da pesquisa no mundo, e sobre o verdadeiro papel da educação e do educador na sociedade.

Este livro está bem longe de ser uma obra para educadores e professores, pelo contrário, é um manual que todos deveriam ter como prática, de como a perda da humanização, a perda

dos sentidos do corpo humano, a perda da natureza em todas as suas facetas, estão nos destituindo do prazer do ser pela obsessão do simplesmente fazer.

"Cientistas são como remadores, no porão de uma galera. Todos estão suados de tanto remar e se congratulam uns com os outros pela velocidade que conseguem imprimir ao barco. Há apenas um problema: ninguém sabe para onde vai o barco, e muitos evitam a pergunta alegando que este problema está fora da alçada de sua competência." (ALVES, 2004, p. 48)

As funções do profissional que atua diretamente na educação infantil, vêm ocorrendo, por meio de reformulações intensas. Nessa perspectiva, os debates inserido por filósofos, pesquisadores e grandes profissionais da área, têm preconizado a necessidade de uma formação mais abrangente e unificadora para os profissionais que atuam tanto em creches quanto em pré-escolas, além de também priorizar uma reestruturação que permeiam os quadros de carreira, levando em consideração os conhecimentos já adquiridos pelas práticas do exercício profissional, possibilitando a atualização destes profissionais quanto a formação de suas identidades profissionais.

Segundo Alves (2004) é importante que o professor conheça a si mesmo para não tentar que a criança atue à sua imagem e semelhança. Aprenda a descobrir o encanto que reside em ser diferente, considere sempre o estilo de aprendizagem de cada criança e nunca generalize as ações, pois algumas se sensibilizam mais com histórias do que com jogos, outros preferem o caminho do riso à emoção do entusiasmo. Uma boa Educação Infantil consegue ser única, mesmo que para muitos.

Observa-se que a formação de um quadro coeso, é algo distante da realidade, há uma grande diferença entre os níveis de formação dos educadores de creche (monitor, agente comunitário, recreadora, atendente, auxiliar de creche, pagem, etc.) e os professores de pré-escola, com a consequente desvalorização desses profissionais, tornando cada vez mais clara a inexistência de uma política de recursos humanos para a área. Sem contar com a hierarquia de trabalho estabelecida pelo distanciamento entre os níveis diferentes de formação.

Assim, o cuidar e o educar que deveriam ser propostas de uma mesma prática pedagógica, tornam-se divisores de águas da função exercida por esses profissionais em seu cotidiano de trabalho. Segundo Rosenau (2013) em meio a este contexto, observa-se que a

formação de professores para a Educação Infantil, abrange ambiguidades em meio a trajetória dentro da concepção de educar e cuidar, e essas concepções distorcem a identidade profissional, provocando dilemas na formação e na relação entre teoria e prática.

É necessário acreditar que a interação entre indivíduos é fundamental no processo de construção. Como professores, há em suas programações intenções e objetivos definidos, porém, essas ações e propostas vinculam-se, de modo direto, com o que se capta e interpreta como interesses das crianças que são cuidadas nesta rotina constante dentro desta fase da educação básica.

É importante destacar que assistência e assistencialismo são diferentes. Analisar criticamente a história assistencialista da creche, que marca os sentidos das práticas e a identidade dos seus profissionais, não retira o lugar da creche nas políticas sociais. A Educação Infantil possui forte papel dentro da sociedade a partir do momento que auxilia famílias no cuidado e na educação com crianças, para que elas consigam cumprir seus compromissos profissionais e pessoais.

Segundo Bazílio e Kramer (2011, p. 20) “a educação, o ensino e a aprendizagem na prática pedagógica devem estar alicerçados ao ser e ao fazer do professor educador” e essa perspectiva se dará a partir da construção de uma identidade democrática e de seus pressupostos filosóficos, políticos do ser, do mundo e da sociedade que se deseja formar.

Neste contexto, fica evidenciada a formação como processo longo e complexo que exige tanta ressignificação do que foi construído pelo senso comum, como apropriação de novos saberes. Uma formação “que enfrente questões de classe social, de acesso ao conhecimento por parte dos adultos; que discuta com eles a sua responsabilidade perante as crianças e os preconceitos expressos contra crianças, toda vez que a alteridade delas não é levada em conta” (KRAMER; NUNES; CARDOSO, 2016, p. 218).

Segundo Kramer, Nunes e Carvalho (2016) o status adquirido pela Educação Infantil ainda não garante que toda as necessidades da área sejam atendidas. A formação dos profissionais que atuam com crianças faz com que se torne de grande relevância para esse campo a promoção da reflexão sobre que competências eles necessitam ter, sobre qual o seu verdadeiro papel. É preciso pensar sobre quem deve exercer essa profissão.

Ao discutirem a prática, as autoras apontam para a forte presença do modelo de ensino fundamental nas creches e pré-escolas, com um currículo organizado em conteúdos escolares, em áreas do conhecimento previamente delimitadas. Essa é uma discussão desafiadora para os sistemas públicos municipais que têm como incumbência a oferta desse atendimento.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017 apresenta em seu conteúdo os direitos essenciais a metodologia aplicada dentro do ensino e aprendizagem direcionados para a implementação de estratégias voltadas para a Educação Infantil, que compreende “tempos para conviver, brincar, participar, explorar, expressar e se conhecer, entretanto, as condições extrínsecas ainda dificultam a garantia destes direitos” (BRASIL, 2017).

Nessa engenharia institucional, a responsabilidade pela integração das ações de educação e cuidado na primeira infância, no âmbito da educação, requer mais acesso das crianças ao sistema de educação; maior preocupação com a formação dos trabalhadores que compõem esse segmento; e, por fim, o entendimento do currículo, e a implementação de ferramentas para obtenção de boas práticas.

Segundo Alves (2004, p. 63) “o método não é uma regra autônoma, aplicável a todas e quaisquer situações indiscriminadamente. O método se subordina a uma construção teórica”. Quando se observa que as construções teóricas dominantes entram em colapso, logo se tem como resultado a permanência do método que lhes era próprio, não importa o rigor com que seja usado, este por não ter um fundamento concreto, só conduz a equívocos cada vez maiores.

É necessário que haja observações para que haja mais políticas públicas que amparem e qualifiquem esse profissional atuante na Educação Infantil, ampliando a visão estereotipada de mero cuidador. Além disso, é preciso construir projetos políticos, pois são as práticas pedagógicas desses profissionais que constroem a Educação Infantil, sendo assim, as decisões políticas verticalizadas caem em um discurso de desconhecimento desse território.

A instituição de Educação Infantil deve deixar de ser pensada como uma instituição assistencialista e começar a ser tratada como um ambiente educativo, que tende a proporcionar o bem-estar e as condições necessárias para o desenvolvimento infantil e suas aprendizagens.

Segundo Alves (2004, p. 74) “dada a urgência deste problema parece-me que a Universidade deveria repensar os seus programas de pesquisa. Não existe solução adequada ao nível de simples iniciativas individuais”. Na visão de Rubem Alves, seria necessário que as Universidades, deixassem de lado a obsessão analítica e fragmentária, e, proporcionassem um amplo debate interdisciplinar sobre duas questões pertinentes ao problema da identidade pedagógica, metaforizando por meio de duas perguntas básicas: “para onde vai o barco? Para onde queremos que o barco vá?”

E, somente depois de respondidas estas perguntas será possível haver condições de tomar decisões de forma lúcida, abrangendo o que de fato deva ser priorizado e acerca do que deve ser pesquisado. Desta forma, uma vez tomada a decisão, faz sentido gastar dedicação e empenho no suor nos remos. Antes disto, segundo Alves (2004, p. 76) “seremos apenas sonâmbulos que não sabem o que fazem”.

A formação continuada precisa ser levada em consideração, em conjunto com uma gama de singularidades que estão presentes no contexto, entende-se que, sem conhecer a demanda de uma equipe de profissionais atuantes, as formações acabam repetindo o ciclo de transmissão de conhecimentos predeterminados sem saber de fato as necessidades formativas dos profissionais que atuam nesta área, e acabam por não responder às necessidades postas pelas práticas.

Além de priorizar um olhar sobre a criança, reconhecida atualmente como sujeito histórico, social, produtor de cultura e centro do planejamento do trabalho pedagógico, propiciando um espaço educativo de interação entre adultos e crianças, tendo como base a integração entre cuidado e educação.

Rubem Alves pontua em seus livros a visão de que a educação é o processo pelo qual se aprende uma forma de humanidade, esta é mediada pela linguagem, portanto, aprender o mundo humano é aprender a linguagem. A sociedade por sua vez, é um produto humano que pode ser modificado, e é nesta concepção que se baseia a diferença entre ser professor e educador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo o trabalho afirmando que Rubem Alves, através de suas obras, deixou aos profissionais da educação infantil muitas pistas de como realizar um trabalho prazeroso e eficaz para alunos e professores.

O profissional da educação deve estar preparado para desempenhar determinadas relações no interior da escola ou fora dela, onde o trato com o trabalho pedagógico ocupa posição de destaque, e deve usar de estratégias para conquistar o aluno e assim tirar um maior proveito de suas aulas, e o lúdico dentro da educação infantil institui essa ligação que permite ao professor mediar a aprendizagem de forma a inserir suas experiências formativas incluindo a felicidade como ferramenta em suas práticas.

Ao entender como é possível inserir a felicidade como uma ferramenta para a aprendizagem dentro da Educação Infantil na concepção das obras de Rubem Alves, observou-se que o perfil do educador dentro da educação infantil, busca construir um profissional que possua conhecimentos teóricos e seja capaz de mediar intencionalmente o processo educativo, ajudando a escola a cumprir o seu papel de local de formação de conceitos científico. A ação correspondente a essa imagem será a capacidade de indagação, de criticidade, de disciplina, de relacionar teoria e prática e de estimular o desenvolvimento da criança de forma em que a felicidade esteja presente em todo âmbito da Educação Infantil, como foi visto nas crônicas e na visão proposta pelo autor Rubem Alves em seus livros.

Partindo do pressuposto de que a ação educativa deve estar relacionada e preocupada com a formação docente de qualidade, o professor de Educação Infantil deve primar por um trabalho intencional, compondo-se das funções de educar e cuidar, ambas de formas indissociáveis, utilizando o lúdico como recurso pedagógico a fim de possibilitar meios para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças de forma a inserir a alegria e a felicidade que direcionem momentos válidos e marcantes.

A brincadeira é um espaço de socialização, de domínio da relação com o outro, de apropriação da cultura, de exercício, a educação infantil tem uma função pedagógica, sendo um trabalho que toma a realidade, assegurando a aquisição de novos conhecimentos.

O trabalho buscou informações, e responde ao questionamento mostrando a importância de uma educação com respaldo na felicidade, trazendo o lúdico dentro das propostas educacionais utilizadas pelos pedagogos em seu trabalho pedagógico na Educação Infantil, buscando a primazia do benefício no ensino aprendizagem. Onde foi visto que, as atividades lúdicas são ferramentas de extrema necessidade, desde que essas sejam preparadas para ser útil dentro da educação infantil que é uma etapa significativa no desenvolvimento da criança e no ensino aprendizagem.

A educação infantil não é um local onde a criança só brinca, essa fase antecede a alfabetização e necessita ser analisada dentro das propostas e políticas públicas que embasam e que auxiliam no processo do ensino aprendizagem, perfazendo um caminhar da criança no desenvolvimento das suas percepções e no auxílio no desenvolvimento social, intelectual e motor para o benefício de uma melhor aprendizagem.

Foi visto também, que para que haja um desenvolvimento da criança, o professor assume a postura de um educador mediador, resgatando através da alegria, afetividade e das brincadeiras, o desenvolvimento infantil, em ambientes de aprendizagem dentro do cotidiano escolar utilizando a felicidade e o lúdico, como proposta de trabalho.

Para isso a formação docente na Educação Infantil e a formação continuada contribuem significativamente para o exercício pedagógico, onde os conhecimentos dos aportes teóricos visam influenciar esta prática até os dias atuais e fomentam discussões significativas acerca das temáticas que envolvem o trabalho pedagógico com a Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 5ª ed. São Paulo: ARS Poética Editora, 2015.
- _____, R. **A alegria de ensinar**. – Campinas, SP: Papyrus, 2000. 103p.
- _____, R. **Estórias de quem gosta de ensinar: o fim dos vestibulares**. – Campinas, SP: Papyrus, 2000. 170p.
- _____, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2004.
- _____, R. **Dogmatismo e tolerância**. – 1.ª ed. – Campinas, SP: Loyola, 2004. 176p.
- _____, R. **Quer que eu lhe conte uma história?** – Campinas, SP: Papyrus, 2013. 130p.
- _____, R. **Quando eu era menino**. – Campinas, SP: Papyrus, 2013. 146p.
- _____, R. **As cores do crepúsculo: A estética do envelhecer**. – Campinas, SP: Papyrus, 2013. 170p.
- _____, R. **Desfiz 75 anos**. – Campinas, SP: Papyrus, 2013. 162p.
- _____, R. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. – Campinas, SP: Papyrus, 2015. 122p.
- _____, R. **Pensamentos que penso quando não estou pensando**. – Campinas, SP: Papyrus, 2019. 112p.
- _____, R. (1933-2014). **A música da natureza: Seleção e organização Edvaldo de Paula Nascimento**. – Campinas, SP: Papyrus, 2020. 130p.
- ANTUNES, C. **O jogo e a Educação Infantil: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir**. – 9. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri e KRAMER, Sônia. **A Política do Pré-Escolar no Brasil: a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

_____. **Constituição a República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular de 2017**.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 48.^a Edição - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

KRAMER, Sônia. NUNES, Maria Fernanda. CARVALHO, Maria Cristina. **Educação Infantil: formação e responsabilidade**. – Campinas, SP: Papirus, 2016.

CARDOSO, K. M. A. Representação de ensino e docência: Obras literárias de Rubem Alves em foco. **Monografia da UNESP, Campus de Rio Claro/SP**. 100f. 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202928/000907867.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 maio 2022.

NEDRINE, A. **O corpo na Educação Infantil**. 3.^a Ed.– Caxias do Sul: EDUCS, 2015.

OSTETTO, L. E. **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. – 5 ed. - Campinas, SP: Papirus, 2018.

PEIXOTO, E. S. A vida como concepção educativa no pensamento de Rubem Alves e Ortega y Gasset. **Revista Saberes**. Natal, RN, v. 18, n. 1, p. 1-15, maio, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/13260/10564>. Acesso em: 15 maio 2022.

PEREIRA, G. L. Variações sobre Rubem Alves – A liturgia do ensino: a espiritualidade nas reflexões sobre educação de Rubem Alves. **Revista Sacrilegens, III Conacir** - Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 127-139, jul-dez, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26993/18673>. Acesso em: 15 maio 2022.

ROSENAU, Luciana dos Santos. **Diagnósticos do fazer docente na educação infantil**. – Curitiba: InterSaberes, 2013.